

**A DERIVAÇÃO E SUA PRODUTIVIDADE:
ANÁLISE DE LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Karla Branco Figueiredo de Lima (UNILASALLE-RJ)

karla.branco@globo.com

RESUMO

Este artigo considera a importância do processo de formação de palavras para a ampliação do léxico da língua portuguesa, uma vez que muito frequentemente a compreensão de determinadas palavras torna-se limitada tanto pelo desconhecimento de sua formação por morfemas derivacionais quanto do significado deles. Analisando o pensamento de estudiosos da área sobre o processo de formação de palavras e, mais especificamente, a derivação, este trabalho tem por objetivo apresentar uma análise da abordagem desses recursos em livros didáticos de língua portuguesa amplamente usados no segundo ciclo do ensino fundamental. Os resultados confirmam a necessidade de ressaltar, desde as séries iniciais, a produtividade da derivação como forma de desenvolver a compreensão de textos e, conseqüentemente, tornar a aprendizagem mais prazerosa.

Palavras-chave: Derivação. Produtividade. Livro didático.

1. Introdução

O ensino de língua portuguesa tem por objetivo o desenvolvimento da competência comunicativa do aluno, cabendo ao professor considerar a ampliação de capacidades cognitivas, linguísticas e discursivas como fator indispensável à plena participação social desse aluno como cidadão. Nesse sentido, aprender a ler e escrever eficientemente constitui-se requisito essencial à realização desse propósito, em muito favorecido pela análise e compreensão de textos, bem como pelo conhecimento da gramática da língua portuguesa.

No segundo ciclo do ensino fundamental (6º ao 9º ano), o ensino de língua portuguesa e, mais precisamente, da leitura de textos, assume uma importância considerável, principalmente por envolver alunos que se encontram prestes a dar início a um longo processo de uso da língua escrita que lhes servirá de recurso para, posteriormente, desenvolverem-se profissionalmente, culturalmente, bem como para aprimorar sua capacidade de expressarem-se em sua língua. Nessa conjuntura, um dos grandes obstáculos enfrentados pelos alunos, ainda no ensino fundamental, consiste no reduzido conhecimento de vocabulário da língua materna que apresentam ao iniciar seus estudos. Para compensar essa limitação, há re-

curso, tais como a formação de palavras, que possibilitam ao leitor a apreensão de significados de palavras inteiras a partir do reconhecimento dos seus constituintes.

Considera-se a formação de novos vocábulos um dos maiores responsáveis pela renovação do léxico, sendo, portanto, um processo altamente produtivo e, conseqüentemente, enriquecedor da língua portuguesa. Especialmente no que tange ao processo de derivação, é possível perceber que se trata de mecanismo de ampliação do léxico. Por essa razão, tornar o aluno consciente do processo de formação de palavras e da conseqüente possibilidade de conhecer significados e, assim, ampliar a compreensão de textos constitui-se como uma das estratégias mais atraentes e eficazes de se ensinar a língua portuguesa na sala de aula.

De acordo com Halliday (1989), as palavras lexicais trazem consigo os conteúdos a serem expressos com a linguagem e as palavras gramaticais estabelecem relações dentro das orações. Por isso, a grande quantidade de itens lexicais encontrados no texto escrito o tornam denso. Levando em consideração a questão de densidade de informação da escrita, pode-se compreender melhor os motivos de alunos de ensino fundamental encontrarem dificuldades na leitura de textos. Por tudo isso, é pertinente a abordagem da derivação como processo de formação de palavras e a necessidade de chamar a atenção do aluno para as possibilidades de compreensão que lhe são abertas ao entender como o léxico de sua língua se compõe.

Sendo assim, esta pesquisa tem por objetivo analisar a abordagem da derivação como processo de formação de palavras em livros didáticos de língua portuguesa. Para isso, estabeleceremos a fundamentação teórica sobre a derivação considerando as análises de estudiosos tanto da língua portuguesa quanto da língua inglesa. Em seguida, passaremos à análise da derivação em uma série de livros didáticos comumente usados nas aulas de língua portuguesa no ensino fundamental por ser de suma importância desenvolver o conhecimento do aluno acerca da formação de sua língua ainda nos anos iniciais de estudo de modo a prover-lhe o necessário embasamento para avançar nas atividades de leitura e escrita em níveis mais avançados.

2. A teoria sobre derivação

Estabelecer uma exata definição de derivação é tarefa problemáti-

ca devido a divergências entre autores da área. A prova disso é que alguns traços considerados flexionais em uma língua podem ser derivacionais em outra (ANDERSON, 1982, p. 587). Exemplificando, Jensen (1990) afirma que os diminutivos são derivacionais em inglês, mas flexionais em fula (língua africana). Ainda que existam divergências quanto à extensão do que se considera como derivação, vários teóricos estabelecem definições de derivação que muito úteis têm sido aos docentes de línguas, especialmente por contribuírem para o entendimento e a ampliação do léxico das línguas.

Richards, Platt e Weber (1985, p. 77), por exemplo, definem derivação como “a formação de novas palavras pela adição de afixos a outras palavras ou morfemas”. Esses autores citam como exemplo o substantivo *insanity* (insanidade), derivado do adjetivo *sane* (são) pelo acréscimo do prefixo de negação *in-* e do sufixo de formação de substantivos *-ity*.

Silva e Koch (2001) definem a derivação como o processo de formação de palavras por meio de afixos agregados a um morfema lexical. Além disso, elas enfatizam a capacidade que os morfemas derivacionais têm de criar novas palavras na língua ao considerarem a derivação e a composição como os processos de mais alta produtividade nesse sentido e exemplificam com as palavras *livro*, *livreiro*, *livrinho*. Uma das condições estabelecidas por Silva e Koch (2001) para que haja derivação consiste na possibilidade de o afixo, como forma mínima, estar disponível aos falantes nativos, no sistema, para a formação de novos derivados. A maior ou menor produtividade do afixo, então, auxilia o falante não só a formar ou aceitar novas palavras, mas também a rejeitar outras.

Uma outra visão semelhante é a de Zanotto (1986), cuja preocupação é dar à morfologia um tratamento não apenas técnico, mas, sobretudo, didático. Para isso, ele inclui a derivação como parte de um sistema aberto em que as possibilidades de criar novas palavras, ou mesmo um novo morfema derivacional, são também abertas, seja pela necessidade de expressar novos conceitos ou pela criatividade inerente a alguns falantes.

Zanotto (1986) define, ainda, duas outras características da derivação: a liberdade de se optar entre o uso de uma forma derivada ou de uma forma primitiva e a inserção de alterações de sentido um tanto quanto profundas como em *casa/casinha* e *pedreiro/pedreira*, respectivamente. Estabelecidas essas características, ele define a derivação como “um processo de formar novas palavras, de multiplicar o uso de um mesmo se-

mantema, utilizando prefixos e sufixos, dentro de um quadro de possibilidades que a língua oferece, mas um quadro aberto, facultando novas criações” (ZANOTTO, 1986, p. 56).

Dentre os tipos de derivação mencionados por Silva e Koch (2001) e Zanotto (1986), encontram-se: prefixal, que é o acréscimo de prefixos ao morfema lexical como em *reter*, *bisavô*, *subtenente* e *compor*; sufixal, ou seja, o acréscimo de sufixos ao morfema lexical (*saboroso*, *ponteira*, *grandalhão*, *folhagem*); *prefixal e sufixal*, para o acréscimo tanto de prefixos quanto de sufixos ao morfema lexical (*deslealdade*, *infelizmente*, *superaquecimento*); *parassintética*, isto é, o acréscimo simultâneo de um prefixo e um sufixo ao morfema lexical, constituindo um único morfema gramatical descontinuado, mas com um mesmo significado (*entardecer*, *esfarelar*); *regressiva*, que consiste na subtração de morfemas (*caça*, de *caçar*; *descanso*, de *descansar*). Um outro tipo de formação de palavras, a derivação *imprópria* (mudança de classe de palavras como em *manga rosa*, *colégio-modelo*), é apenas mencionado por esses autores, mas por considerarem-no como um processo sintático-semântico, e não morfológico, eles não o incluem entre os tipos de derivação.

Embora haja certo consenso entre os linguistas em relação à grande possibilidade de criação de novas palavras pela derivação, cabe aqui lembrar que Jensen (1990) toma a produtividade em um outro sentido ao considerar os sistemas flexionais mais altamente produtivos e rígidos por princípios regulares de formação. Ele justifica tal posicionamento por ser possível ampliar os paradigmas defectivos para incluir formas anteriormente desconhecidas usando sinônimos, desde que sejam semanticamente coerentes. Como exemplo, na língua inglesa, ele cita os verbos *must* e *can*, que são substituídos respectivamente por *to have to*, no passado e no futuro, e por *to be able to*, no futuro. Assim, apesar dos paradigmas defectivos, Jensen acredita que as flexões geralmente são mais produtivas do que as derivações, porque nestas não há virtualmente uma pressão para expandir a extensão dos afixos. Por exemplo, alguns verbos podem ser nominalizados em *-al* ou *-ation*, mas não há qualquer necessidade de ampliar o alcance desses afixos como em *arrive* – *arrival* (**arrivation*) e *derive* – *derivation* (**derival*).

Em uma abordagem bastante sistematizada e objetiva, Bauer (1983) parte da definição de flexão para estabelecer o alcance da derivação. Com base nos estudos de Lyons (1977), Bauer (1983) define a derivação como o processo morfológico que tem como resultado a formação

de novos lexemas enquanto a flexão, a partir da raiz de um determinado lexema, produz todas as formas desse lexema que ocorrem em ambiente sintaticamente definido. Assim, Bauer (1983) afirma que a morfologia divide-se em morfologia flexional e formação de palavras. Esta, por sua vez, divide-se em derivação, isto é, a formação de novos lexemas por afixação, e composição, que é a formação de novos lexemas a partir de duas ou mais bases. A derivação subdivide-se em derivação com manutenção de classe gramatical, ou seja, os novos lexemas formados pertencem à mesma classe gramatical das bases que os formaram, e derivação com mudança de classe gramatical, na qual as classes dos novos lexemas são diferentes das classes das bases que lhes deram origem.

Embora sejam muitos os estudos acerca da formação de palavras por derivação, pode-se considerar como um estudo inovador aquele apresentado por Freitas (2007) ao reivindicar, para essa análise, a imposição de um critério sincrônico. Esse autor pauta seu posicionamento na necessidade de se estabelecerem métodos de trabalho que fundamentem o estudo de um determinado estado da língua. Por conseguinte, para o estudo da derivação, Freitas (2007) rejeita o estudo diacrônico como forma de explicar fatos do estado atual da língua e advoga a adoção de um critério sincrônico para a mesma finalidade. Ao fazer isso, esse autor não se distancia do caráter dinâmico da língua, mas abraça uma coerência de análise ao afirmar que os recursos de formação de palavras por derivação devem ser relevantes e produtivos no estado atual da língua. Observando as palavras do próprio autor, “derivação é o processo formador de novas palavras e pertence a uma relação aberta da língua. É preciso, porém, aplicar-se um critério de delimitação dos elementos formadores sob um ponto de vista sincrônico”. (FREITAS, 2007, p. 157-158)

Como vemos, pertencendo a derivação à relação aberta da língua, é este um dos mais profícuos e produtivos processos de formação de palavras da língua portuguesa. Freitas (2007) parte do conceito de formas mínimas significativas (monemas) para estudar a derivação, que se dá com a ligação entre um afixo e uma base ou núcleo para formar um novo sintagma, sincronicamente. Portanto, são considerados afixos tanto os prefixos quanto os sufixos. Freitas (2007) distingue os morfemas em dois tipos: morfemas derivacionais, isto é, prefixos e sufixos formadores de novas palavras, pertencentes à relação aberta da língua; morfemas categoriais, ou seja, sufixos indicadores de gênero e número, nos nomes, e de tempo, modo, número e pessoa, nos verbos (desinências). Estes últimos pertencem à relação fechada da língua.

Corroborando a questão da produtividade lexical das línguas, esse autor afirma que a derivação visa ao enriquecimento do léxico e possibilita ao sujeito-falante a escolha de uma forma vocabular. Ressalte-se que os sufixos formadores de aumentativo e de diminutivo são, então, incluídos por ele na derivação.

São dois os tipos de derivação apresentados por Freitas (2007). Em primeiro lugar, a derivação prefixal, isto é, o acréscimo de um prefixo a uma base ou núcleo, formando novo sintagma na fase atual da língua. Como exemplos podem ser citados *bem-querer*, *extra-oficial*, *perímetro*, *prosseguir*. Em segundo lugar, a derivação sufixal, que é realizada com o acréscimo de um sufixo a uma base ou núcleo, formando novo sintagma também na fase atual da língua. São exemplos desse tipo de derivação: *bananal*, *ninhada*, *bagaço*, *penacho*, *espantalho*, *papelão*, *cris-tandade*, dentre outros.

Com relação à derivação regressiva, conforme apresentam diversas gramáticas, o autor é categórico ao destacar que “[o] processo de Derivação, dos mais profícuos da língua portuguesa, apresenta, ainda, alguns aspectos obscuros na sua formação” (FREITAS, 2007, p. 187). Com essa observação, ele refere-se ao fato de fenômenos como a palavra *pesca* ser considerada derivada da palavra *pescar*. Enquanto a segunda é oriunda do latim *piscare*, a primeira era inexistente nessa língua. Por essa razão, o fenômeno é chamado de derivação regressiva (ou deverbais ou pós-verbais) em diversas gramáticas.

Nesse caso específico, Freitas (2007) afirma não haver processo de derivação uma vez que não há sufixo derivacional e sincronicamente não se pode afirmar se foi o verbo ou substantivo que surgiu primeiro – apenas diacronicamente isto pode ser definido; além disso, a terminação verbal em *pescar* indica flexão por pertencer à relação fechada da língua e constituir-se de vogal temática e desinência ou sufixo flexional (r). Sendo assim, entre *pescar* e *pesca* existe somente uma relação semântica uma vez que não há morfema derivacional a ser subtraído ou adicionado.

Ainda adentrando o novo critério proposto por Freitas (2007), é preciso rever o processo de derivação chamado parassintético. Comumente a derivação parassintética é definida como a formação de palavras na qual são acrescidos prefixo e sufixo simultaneamente. Como exemplos, podem ser citadas as palavras *embarcar* e *enterrar*. Na visão de Freitas (2007), para que esses exemplos se tratassem de derivação, os afixos deveriam ser derivacionais. No entanto, isso não ocorre, pois so-

mente o prefixo caracteriza-se como morfema derivacional. Antes, a terminação *-ar* é constituída de vogal temática (primeira conjugação) e sufixo flexional *-r* (infinitivo), possuindo, portanto, caráter verbal, e não derivacional.

Diante do exposto, somente se consideram formadas por parassintetismo palavras como *apedrejar*, em que temos a presença simultânea de prefixo (*a*) e de sufixo (*ej*). Outros exemplos são *anoitecer*, *envelhecer*, *subterrâneo* e *esbravejar*. Note-se que, no caso de ser retirado um dos afixos, inexistente a palavra restante.

Tendo analisado a abordagem de diversos autores no tocante à derivação, cabe ressaltar alguns aspectos de suma importância. Primeiramente, é necessário abraçar um critério a ser utilizado na descrição do fato linguístico, a saber: sincrônico, considerando a língua em sua fase atual, ou diacrônico, tomando a língua em seu aspecto histórico. Como bem apontou Freitas (2007), o critério sincrônico apresenta-se como o mais adequado e produtivo para fins de contribuição para o estudo da língua.

Uma segunda questão a considerar consiste em reconhecer a grande produtividade e, portanto, a relevância de se destacar o processo de derivação nas aulas de língua portuguesa. Como vimos, especialmente os processos de derivação por prefixação e por sufixação, são de fundamental importância para a compreensão da formação de palavras por parte do falante da língua, sobretudo se forem trabalhados com o propósito de identificação dos sentidos dos afixos. Ressalte-se, nesse caso, a possibilidade de aquisição e criação de novo vocabulário e a imediata depressão de seus significados.

Em resumo, mais importante do que simplesmente adotar uma ou outra definição ou posicionamento quanto à produtividade dos morfemas derivacionais, é observar o fato de que a grande produtividade da formação de palavras por derivação é a principal causa do extenso vocabulário de línguas como o inglês e o português. De acordo com Bauer (1983), a consulta a dicionários de neologismos confirma o não desaparecimento da criação de novos lexemas com novas formas ao longo do tempo. Ao contrário, continua sendo um recurso usado com frequência, principalmente pela imprensa (REBELLO, 2004-2005).

Assim, ao tratar da formação de novas palavras por derivação, é importante adotar critérios coerentes e significativos como o de Freitas (2007). Essa atitude levará os alunos de língua portuguesa a se sentirem mais seguros na leitura de um texto uma vez que seu conhecimento de

vocabulário é aumentado pela compreensão dos morfemas derivacionais.

Entretanto, com frequência a leitura é tratada nas escolas como atividade obrigatória ou enfadonha, vindo a desestimular até mesmo os alunos que, em anos anteriores, interessavam-se por essa atividade. Contrapondo-se a essa situação está a certeza de que a leitura pode e deve ser prazerosa, especialmente se ao aluno for despertada a consciência de que ela envolve a possibilidade de crescimento sociocultural equilibrado e do verdadeiro encantamento pelo texto. É oportuna, então, a associação entre a percepção da gramática da língua na prática, isto é, no texto, com o enriquecimento lexical proporcionado pela formação de palavras pelo processo de derivação e o despertar do aluno para o papel da leitura em sua vida.

Diante dessas considerações, cabe passar à análise do tratamento da derivação em livros didáticos de língua portuguesa.

3. Derivação em livros didáticos de língua portuguesa

Analisar a coleção *Português – Linguagens* no tocante à abordagem do processo de derivação requer, primeiramente, que se contextualize a abordagem feita pelos autores, não somente quanto à derivação, mas também com relação à leitura de textos. Segundo os autores, essa coleção toma o texto como objeto de ensino básico das aulas de língua, aborda-o pela perspectiva textual e discursiva a partir das mais recentes contribuições da lingüística e da teoria do discurso, incluindo desde clássicos da literatura universal e autores da literatura brasileira contemporânea até os mais variados tipos de textos e gêneros em circulação social.

Destinada ao ensino fundamental, a série de livros ora analisada considera que o ensino de língua portuguesa assume, nesse ciclo inicial, um papel decisivo, especialmente por ser o momento em que a maioria das crianças inicia seu processo de apropriação da língua escrita, é introduzida no mundo da cultura letrada, amplia suas capacidades de expressão verbal, reflete sobre os usos sociais da linguagem e desenvolve um conjunto de capacidades mentais mediadas pela língua e pela linguagem.

Comprometida com uma abordagem sociointeracionista de aprendizagem e com um enfoque enunciativo de linguagem, essa coleção pretende apresentar um curso completo de língua portuguesa, do 6º ao 9º ano do ensino fundamental, com atividades de leitura de textos, de produção de textos orais e escritos e de reflexão sobre a linguagem.

Tendo situado a proposta dos autores para o ensino de língua portuguesa, compete-nos passar à análise de cada um dos livros componentes da série com respeito ao tratamento e apresentação da derivação como processo de formação de palavras.

3.1. Derivação em Português – Linguagens (6º ano do ensino fundamental)

Ao percorrer o livro inicial da série em análise nesta pesquisa, percebe-se, surpreendentemente, a ausência de menção à derivação como processo de formação de palavras. Há, tão-somente, menções a questões pertencentes à relação fechada da língua, como, por exemplo, a flexão de substantivos, de adjetivos e de artigos, apresentados já no índice da obra.

3.2. Derivação em Português – Linguagens (7º ano do ensino fundamental)

No segundo livro da série *Português – Linguagens*, podem ser encontradas algumas atividades referentes ao processo de derivação, muito embora não haja menção explícita ao nome do processo de formação de palavras que constitui o interesse principal deste artigo.

A primeira atividade relacionada à derivação surge apenas na página 68, na seção *De Olho na Escrita*, ao tratar da grafia de palavras com *g* ou *j*. Como exemplo, é citada a palavra *gesso*, grafada com *g*, da qual "derivam-se" *engessar* e *engessado*. Em continuidade aos exercícios, pede-se ao aluno que complete a palavra *nojento* com *g* ou *j* uma vez que ela deriva da palavra *nojo*. Note-se que o foco da lição não está no processo de derivação, mas na ortografia das palavras destacadas, tomando-se como parâmetro a palavra primitiva da qual derivam.

Mais adiante, na página 97, ao tratar do estudo do texto, a sessão *A Linguagem dos Textos* chama a atenção do aluno para o uso da palavra *hiperativo*, destacando o fato de ser ela formada pela soma da partícula *hiper-* com a palavra *ativo*. Em seguida, o aluno é questionado sobre outra partícula que poderia ser usada para substituir *hiper-* sem alterar o sentido da palavra. Nesse momento da lição, essa é a única referência à formação de palavras.

Mais ao final do livro, na página 187, também na sessão *A Lin-*

guagem dos Textos, os autores trazem à discussão o título do texto: "Os peixes antediluvianos". Observemos essa questão:

1. o título de uma das partes do texto é "Os peixes antediluvianos". a palavra *antediluvianos* é formada do seguinte modo: *ante-* + *diluvianos*. A partícula *ante-* também é empregada em palavras como *antebraço*, *anteontem*, *antepe-núltimo*.

- a) Deduza: o que significa a partícula *ante-*?
- b) Logo, o que significa a expressão *peixes antediluvianos*?
- c) agora observe: *antiaéreo*, *antialérgico*, *antigripe*. Conclua: a partícula *anti-* tem o mesmo sentido que *ante-*? Por quê? (CEREJA; MAGALHÃES, 2006 b, p. 191)

Em face dos exemplos analisados, não se pode deixar de considerar a forma criativa de os autores introduzirem o estudo da derivação no livro do 7º ano. A partir do texto lido, o autor chama a atenção para alguns prefixos, tomando como ponto de partida o uso de certas palavras dentro de um contexto, em vez de apresentá-las isoladamente, o que poderia tornar mais difícil ao aluno compreender seus significados e usos. Todavia, caberia, nessa fase da aprendizagem de língua portuguesa, propiciar ao aluno mais oportunidades de perceber a riqueza da formação das palavras, ressaltando, ainda mais, o processo de derivação e suas possibilidades produtivas indicando outros exemplos em contextos diferentes.

3.3. Derivação em Português – Linguagens (8º ano do ensino fundamental)

Conforme ocorreu no livro do 6º ano, o livro do 8º ano surpreende igualmente pelo fato de não apresentar quaisquer menções à formação de palavras por derivação. Novamente os autores propõem-se a contribuir para ampliar a capacidade de expressão verbal do aluno, bem como a trabalhar com a gramática, especialmente com um enfoque morfossintático-semântico e a retomada de conteúdos. Sendo assim, o que se poderia esperar era a ampliação do conteúdo referente à derivação em um livro subsequente àquele em que introduziram o assunto em questão.

3.4. Derivação em Português – Linguagens (9º ano do ensino fundamental)

O quarto livro da série analisada pode ser considerado o único a tratar a formação de palavras de modo mais aprofundado. Ainda assim, é bem interessante perceber que isso ocorre somente ao final do livro, da página 167 até a página 177.

A sessão *A Língua em Foco* tem por título “Estrutura e Formação das Palavras” e apresenta uma tira de história em quadrinhos na qual o personagem cria novas palavras e utiliza algumas outras formadas por derivação. Em seguida, são apresentados exercícios nos quais, dentre outras questões gramaticais, os autores destacam a possibilidade de criação de novos termos a partir da “parte das palavras que informa o significado delas” (CEREJA; MAGALHÃES, 2006d, p. 168). Note-se que ainda não há referência ao termo *radical*. Como exemplo, é citada a palavra *pobre* e, formadas a partir dela, são apresentadas palavras tais como: *pobreza*, *empobrecer*, *pobríssimo*, *pobretão*, *pobretona*, *pobrezinho*, *pobrinho*. Para que o aluno pratique, pede-se a ele que indique outras palavras que, como *bela*, apresentam a partícula *bel-*. Em outra questão, pede-se ao aluno que observe, no texto, a formação do feminino *gangsteresa* (de *gangster*, da língua inglesa) e indique outras palavras da língua portuguesa que formam o feminino de modo semelhante.

Dando continuidade ao estudo do assunto, Cereja e Magalhães (2006 d, p. 169) esclarecem que “[a]s partículas portadoras de sentido chamam-se *morfemas* e constituem a *estrutura* das palavras” e deixam essa ideia mais clara ao afirmar que “[q]uando estudamos o modo como os morfemas se organizam e formam palavras, passamos a conhecer os *processos de formação de palavras*”. Eles mencionam a combinação de afixos (prefixo e sufixo) diferentes em um mesmo radical para formar várias palavras distintas; ou seja, a agregação de afixos ao radical modifica seu sentido básico.

Com base nos exemplos de palavras formadas a partir de *cruel*, os autores mencionam a possibilidade de haver variações no radical. Limita-se a essa observação a explicação que conferem à formação da palavra *crudelíssimo*. Sendo assim, é válida a ausência de referências à etimologia da palavra para explicar essa alteração, o que confirma o estudo de Freitas (2007).

Com relação à apresentação de prefixos e sufixos, observa-se que o único exemplo dado é *empobrecer*, dividido pelos autores em três par-

tes: *em-* (movimento), *pobr-* e *-ecer* (início de), classificadas, respectivamente, em *prefixo*, *radical* e *sufixo*. Note-se que o exemplo fornecido refere-se ao que conhecemos por *parassintetismo real* (FREITAS, 2007), embora não haja menção a isso. Para evitar o risco de levar o aluno a acreditar que somente se formam palavras com o acréscimo simultâneo desses dois tipos de afixos, seria válido, nesse caso, apresentar palavras formadas apenas por prefixação e outras formadas apenas por sufixação.

Em seguida, são apresentadas desinências nominais para indicar o gênero (*o*, *a*) e o número (*s*) na formação de nomes como, por exemplo, *belos* e *belas*.

Ressalte-se, ainda, no livro didático do 9º ano, o detalhamento da formação de verbos a partir do acréscimo de desinências verbais sem que haja referência à distinção entre flexão e derivação. Como exemplos, são citados *bebêssemos*, *falamos*, *crescendo* e *produzia*, em que são destacadas as desinências e a vogal temática de cada conjugação.

A análise minuciosa da abordagem da formação de palavras no livro do 9º ano permite observar que, até este ponto, em momento algum os autores mencionam o processo de formação de palavras por derivação, apesar de mencionarem a existência de afixos e de especificá-los.

Também é possível entender que os autores conceberam a formação de palavras com um assunto do qual fazem parte tanto nomes quanto verbos. É possível que tal atitude tenha se dado no sentido de aproveitar termos usados no texto proposto na lição e que dá origem a esse estudo e, assim, despertar no aluno a consciência acerca da composição genérica das palavras da língua portuguesa.

Os autores apresentam, também, alguns exercícios com base em um novo texto. O passo seguinte é tratar novamente da formação de palavras, desta vez de modo mais aprofundado. Nessa parte da lição, a derivação é definida como a formação de uma palavra, chamada derivada, a partir de outra, chamada primitiva. São, então, apresentados seis tipos de derivação: prefixal, sufixal, parassintética, prefixal e sufixal, regressiva e imprópria.

O primeiro tipo de derivação apresentado é definido como aquele em que ocorre o acréscimo de um prefixo a um radical. Como exemplo, é citada a palavra *reescrever*, donde se depreendem *re-* e *escrever*, respectivamente como prefixo e radical. A derivação sufixal, por sua vez, é apresentada ao aluno como aquela na qual um sufixo é acrescentado a um

radical. Para exemplificar, é introduzida a palavra *realismo*, destacando-se as partes *real* e *-ismo* como radical e sufixo.

O terceiro tipo de derivação apresentado nessa lição é a chamada derivação parassintética. Exemplifica a questão a palavra *emagrecer*, tendo-se o cuidado de destacar sua formação pelas partes *e-* (prefixo), *magr* (radical), *-ecer* (sufixo).

Chama-se derivação prefixal e sufixal o próximo tipo de processo de formação de palavras apresentado nessa lição. Tal processo é definido como aquele que ocorre quando do acréscimo não simultâneo de um prefixo e de um sufixo a um radical. Exemplifica a questão com a palavra *infelizmente*, formada a partir das partes *in-* (prefixo), *feliz* (radical) e *-mente* (sufixo).

Após definir esses tipos de derivação, os autores alertam para a distinção entre esses dois últimos tipos. Vejamos como fazem isso:

Para verificar se a derivação é *parassintética* ou *prefixal e sufixal*, elimine o sufixo ou o prefixo e veja se a forma que resta constitui uma palavra existente na língua. Assim:

(e)magrecer – "magrecer" > forma inexistente

emagr(ecer) – "emagro" > forma inexistente

Concluímos, então, que ao radical *magr*- houve um acréscimo *simultâneo* de prefixo sufixo. Veja agora:

(in)felizmente – felizmente > forma existente

infeliz(mente) – infeliz > forma existente

Concluímos, então, que ao radical *feliz* houve acréscimo *não simultâneo* de prefixo e de sufixo. (CEREJA; MAGALHÃES, 2006d, p. 172)

Pode-se observar, no tocante a essa última observação feita pelos autores do livro didático, que eles se aproximam do conceito de parassintetismo adotado por alguns estudiosos, tais como Silva e Koch (2001) e Zanotto (1986), uma vez que tomam como exemplo palavras em que um dos afixos é de caráter verbal. Cabe ressaltar que tomam a terminação *-ecer* (*-ec-* + *-er*) como um conjunto único. Ao se adotar essa classificação tradicional, preferimos acreditar, como Freitas (2007), que esse exemplo constitui formação de palavra por parassintetismo real.

Dando continuidade à apresentação do assunto, os autores apresentam a derivação regressiva e a definem como o processo de formação de palavras que ocorre quando morfemas do final da palavra são elimi-

nados. Como exemplos, são citadas a palavra *debater*, formando *debate*, e a palavra *lutar*, dando origem à palavra *luta*. Como nenhuma explicação há no tocante à razão desse fato ocorrer, é preciso lembrar as observações que fizemos no capítulo teórico deste artigo. Normalmente, ao citar a derivação regressiva, autores diversos remetem à origem histórica da palavra para descobrir qual delas originou a outra. Caracteriza-se, assim, a mistura de critérios sincrônicos e diacrônicos para tratar fatos linguísticos. Ressalte-se, então, o cuidado dos autores desta série de livros em não misturar critérios diferentes para apresentar essa questão, muito embora sua apresentação contrarie a postura de estudiosos como Freitas (2007), que desconsidera tal fato como uma ocorrência de derivação. Podemos confirmar essa situação pelo fato de não haver sufixo derivacional na palavra formada e pela terminação verbal na palavra dita primitiva pertencer à relação fechada da língua, indicando, portanto, flexão, e não derivação. Percebe-se, então, a confusão dos autores ao tratar radicais nominais, como em *debate*, juntamente com radicais verbais, como ocorre em *debater*, e considerar tal fato como derivação.

Finalizando o estudo da derivação, na página 172, é introduzida a derivação imprópria. Os autores definem esse tipo de processo como aquele ocorrido quando existe mudança no sentido e na classe gramatical da palavra. São citados, como exemplos, o substantivo próprio *Xérox* e o substantivo comum *xérox*. Nesses exemplos, não ocorre acréscimo de afixo; razão pela qual pode-se desconsiderar o processo a que se referem os autores como derivação. É preferível acreditar, então, que tais exemplos constituem apenas novos usos, na língua portuguesa, de palavras já existentes em outra língua, isto é, empréstimos.

Dando prosseguimento à lição, a redução de palavras, tais como as siglas, as abreviações, e as abreviaturas, além dos empréstimos e gírias, é apresentada como outros processos de formação de palavras.

Como exercício para a prática do assunto, toma-se um poema de Augusto de Campos, denominado “Teoria da Poesia Concreta”. Os autores apresentam questões interpretativas desse poema e outras, ainda, a respeito da análise de palavras formadas pelo autor do texto tais como *desnasc*, *desmorrer*, *renasce*, *remove*. O aluno, então, é levado a refletir sobre a formação de palavras e sobre a possibilidade de obtenção de novos significados a partir desse processo, bem como sobre sentidos conferidos por essas palavras ao texto.

Ao final do texto, temos novamente a referência a neologismos e

estrangeirismos, e, bem ao final da lição, na página 190, uma nova retomada da formação de palavras por acréscimo de prefixos e sufixos a radicais. Mais uma vez é interessante perceber que o exercício é apresentado a partir de um texto, do qual se depreendem palavras que exemplificam a derivação por esse processo. Vejamos alguns desses exercícios:

4. Identifique o grupo de palavras em que o sufixo destacado expressa a ideia de agente da ação:

- a) *refeitório* – *dormitório* – *consultório*
- b) *estudante* – *crente* – *caminhante*
- c) *areal* – *bananal* – *canavial*

5. Indique a idéia que as palavras seguintes expressam, em razão da presença do sufixo destacado:

- a) *ultrassensível*
- b) *coordenar*
- c) *desprotegido*
- d) *reescrever*
- e) *sobretaxa*

6. O radical *cida* tem o sentido de "o que mata", quando posposto ao radical da palavra que nomeia um ser que é alvo de certa ação. Veja o exemplo:

O que mata inseto: *inseticida*

Faça o mesmo, indicando a palavra correspondente ao que mata:

- a) irmão _____ d) homem _____
- b) formiga _____ e) raça _____
- c) verme _____ f) a si próprio _____

7. A palavra *televisão* foi formada da união de dois radicais: *tele* (a distância) e *visão* (visão). Identifique na segunda coluna os significados correspondentes aos radicais que compõem as palavras da primeira coluna:

- a) ortografia 1. água/horror
- b) sonoterapia 2. coração/escrita
- c) cronômetro 3. amigo/sabedoria

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

d) filósofo	4. tempo/o que mede
e) hidrofobia	5. terra/descrição
f) telefone	6. vida/escrita
g) biografia	7. distância/som
h) geografia	8. correto/escrever
i) cardiograma	9. alma/estudo
j) psicologia	10. sono/cura

(CEREJA; MAGALHÃES, 2006d, p. 190)

Tomando por base a teoria desta pesquisa, é preciso ressaltar a validade da intenção dos autores da série didática *Português – Linguagens* (9º ano) no sentido de levar o aluno a praticar a formação de palavras por meio do processo de derivação. É importante destacar, ainda, a atenção dada à prática desse assunto, o que se pode comprovar pela quantidade de exercícios propostos pelos autores no último livro da série. Um outro aspecto também digno de consideração é a preocupação em levar os alunos a entender os significados dos afixos e, conseqüentemente, das palavras formadas por eles. No entanto, há que se fazer uma observação com relação ao exercício 6: os autores referem-se ao sufixo *-cida* como sendo um radical. Ora, sabemos que para que haja processo de derivação é preciso haver a associação de um radical a um afixo. Sendo assim, preferise acreditar que o uso do termo *radical* para referir-se a essa partícula deveu-se a uma mera distração dos autores desse livro didático.

Ainda com relação a essa série de exercícios, vale ressaltar a importância do exercício 7, uma vez que destaca a formação de palavras e a compreensão de seus significados a partir da identificação das partes que as formam.

Após analisar os quatro livros da série didática *Português – Linguagens*, não se pode deixar de observar a ausência de uma referência mais explícita à grande produtividade da derivação como processo de formação de palavras, conforme atestam renomados estudiosos (BAUER, 1983; FREITAS, 2007). Dada a importância do assunto, ele deveria ser tratado em todos os livros da coleção, ainda que essa abordagem ocorresse de forma gradativa, a fim de conscientizar o aluno sobre a possibilidade de ampliação de seu léxico por meio do processo de derivação e, assim, levá-lo a desenvolver sua capacidade de compreensão e expressão na língua portuguesa. Sendo assim, é possível afirmar que a série didática analisada carece de uma abordagem mais ampla do processo de formação

de palavras por derivação e deixa de tirar proveito desse recurso para atingir alguns objetivos a que se propõe.

4. Conclusão

Esta pesquisa contemplou o ponto de vista do aluno e buscou trazer luz ao seu processo de aprendizagem da leitura, tendo como foco a aprendizagem da derivação como processo de formação de palavras e, conseqüentemente, de enriquecimento do léxico de nossa língua. Sendo assim, partiu-se do princípio de que conhecer a derivação e entender os significados de morfemas derivacionais constitui-se como uma estratégia eficientíssima para a solução de dificuldades na leitura de textos em língua portuguesa.

Mesmo aqueles textos considerados densos podem tornar-se mais leves e fáceis de serem entendidos quando aos leitores é apresentada a possibilidade de usar o conhecimento do processo de formação de palavras por derivação como possibilidade de ampliação do léxico a partir do uso da língua.

A análise da derivação em *Português – Linguagens* indica que os autores dedicam-se a abordar a questão em diversos capítulos, embora não o façam em todos os livros da série.

Após verificarmos que a derivação “é o procedimento gramatical mais ativo e produtivo para o enriquecimento do léxico” (CARONE, 2003, p. 38), concluímos que seria conveniente e extremamente eficaz abordar a derivação desde o primeiro livro e desde as primeiras lições. Ainda que o assunto fosse estudado e aprofundado separadamente em lições posteriores, utilizar os textos iniciais para abordar a derivação certamente contribuiria muito para aumentar a autoconfiança do aluno em sua capacidade de adquirir e compreender vocabulário em português rapidamente.

Outro aspecto verificado na análise feita é a ausência do reconhecimento da grande produtividade dos morfemas derivacionais e do quanto os alunos podem ter sua ansiedade e seu sentimento de frustração reduzidos ao serem alertados para esse aspecto. Responsável pela vitalidade das línguas, a formação de palavras é um processo ativo que permite a adaptação das línguas às realidades dos povos que as utilizam em determinado momento de sua história e ao longo de sua existência com a finalidade de criar novos termos para designar novos conceitos, objetos e si-

tuações. Sendo assim, no ensino de língua portuguesa, textos autênticos são usados para levar o aluno a construir significados, fazendo inferências e interpretações desses textos à sua própria realidade pessoal ou profissional. Essa construção de significados, por conseguinte, depende, em parte, das crenças do leitor sobre desempenho, esforço e responsabilidade (CRUZ, 2001). Cabe, então, ao professor que utilizar os livros didáticos analisados compensar a falta de referência à derivação e à sua grande produtividade nas aulas iniciais e, assim, levar o aluno a perceber que não pode se deixar limitar pelo desconhecimento de vocabulário da língua portuguesa, mas que, dentre tantas outras estratégias, tem a possibilidade de inferir seus significados a partir da análise dos morfemas que compõem cada palavra.

Finalmente, é preciso ressaltar que há, neste estudo, sobretudo, uma preocupação pedagógica por se entender que os estudos teóricos somente se tornam imbuídos de sentido se vierem a contribuir para melhorias na sala de aula de língua portuguesa, tornando mais agradável e prazerosa a aprendizagem. Espera-se, portanto, que este estudo tenha contribuído para uma maior conscientização da necessidade de se ressaltar a importância dos morfemas derivacionais para a compreensão de textos em língua portuguesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, S. R. Where is morphology? *Linguistic inquiry*, n. 13, p. 571-612, 1982.
- BAUER, L. *English Word formation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- CEREJA, W; MAGALHÃES, T. C. *Português – linguagens*, 6º ano. São Paulo: Saraiva, 2006a.
- _____. *Português – linguagens*, 7º ano. São Paulo: Saraiva, 2006b.
- _____. *Português – linguagens*, 8º ano. São Paulo: Saraiva, 2006c.
- _____. *Português – linguagens*, 9º ano. São Paulo: Saraiva, 2006d.
- FREITAS, H. R. *Princípios de morfologia*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- HALLIDAY, M. A. K. *Spoken and written language*. Oxford: Oxford

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

University Press, 1989.

JENSEN, J. T. *Morphology: word structure in generative grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1990.

LYONS, J. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

REBELLO, I. da S. Desvelando os processos de formação de palavras no texto publicitário. *Cadernos de Letras da UFF – PIBIC – GLC*, n. 30-31, p. 49-63, 2004-2005.

RICHARDS, J.; PLATT, J.; WEBER, H. *Longman dictionary of applied linguistics*. Essex: Longman, 1985.

SILVA, M. C. p. de S.; KOCH, I. G. V. *Linguística aplicada ao português: morfologia*. São Paulo: Cortez, 2001.

ZANOTTO, N. *Estrutura mórfica da língua portuguesa*. Caxias do Sul: Educs, 1986.